

RESUMO EXPANDIDO**EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA:
O BRINCAR NAS CULTURAS INDÍGENAS BRASILEIRAS ¹**Lucimar da Silva Pereira Junior²**1 – INTRODUÇÃO**

As reflexões sobre populações indígenas no Brasil se tornaram mais frequentes nos espaços acadêmicos. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo 2010, foram registradas no país 190.755.799 milhões de pessoas; deste número, 896.9 mil pessoas declararam-se ou consideraram-se indígenas, com as suas próprias línguas, tradições e costumes. Os dados correspondem a aproximadamente 0,47% da população. São 305 etnias indígenas identificadas entre as pessoas que se declararam ou se consideraram indígenas em um total de 274 línguas (IBGE, 2012, 2013).

Segundo o antropólogo Grupioni (2001), é notório que cada uma das etnias indígenas pertencentes ao território brasileiro tem a sua própria identidade, com uma leitura diferente do mundo, com um modo particular de ser cultural. Portanto, esta diversidade étnica pode ser observada através das tradições, mitos, ritos, histórias, na arte, pintura, jogos, e em cada uma das 274 línguas indígenas de cada povo, cada grupo étnico indígena, cada cultura em que este coletivo está inserido.

¹ Trata-se de um excerto da minha pesquisa monográfica intitulada “Conhecimento, tradição, educação e cultura: um olhar lúdico a respeito dos brinquedos e brincadeiras presentes no processo de ensino e aprendizagem das crianças indígenas” apresentada ao Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM) como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia (2022). Orientador: Gileno Domingos de Azeredo.

² Professor da rede pública de Campos dos Goytacazes/RJ; lotado na Escola Municipal Dr. Luiz Sobral. Licenciado em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert (ISEPAM/FAETEC, 2022). Lattes completo: <http://lattes.cnpq.br/7747079793073327>. E-mail: lucimar_junior@hotmail.com

2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Brasil é uma nação composta por uma grande variedade de grupos étnicos, com as suas próprias histórias, conhecimentos, culturas e línguas distintas. Esta diversidade sociocultural é uma riqueza que deve ser preservada. Cada povo indígena que vive hoje no Brasil tem o seu próprio universo cultural. As variedades e originalidades são heranças importantes não só para eles próprios e para o Brasil, mas para toda a humanidade. Além das diferenças relacionadas com a língua, com a forma de viver - social, econômica e politicamente - e de pensar (sobre o mundo, humanidade, vida e morte, tempo e espaço), os povos originários têm a memória de diversas trajetórias e experiências históricas, dos seus contatos com outros povos indígenas e não indígenas. Da reflexão sobre estas trajetórias, das suas teorias sobre o cosmos e sobre os seres, dos significados que filosoficamente construíram para as coisas e eventos, nascem diferentes visões de mundo que são expressas na arte, na música, nos mitos, nos rituais e nos discursos (BRASIL, 1998).

Assim, tendo em conta a pluralidade cultural das múltiplas etnias indígenas brasileiras, o artigo 78 do LDB (9.394/96) estabelece que o Sistema Educativo da União, em conjunto com as agências federais que promovem a cultura e a assistência aos povos indígenas do Brasil, deve desenvolver programas que integrem o ensino e a investigação, a fim de oferecer uma educação escolar bilingue e intercultural com os seguintes objetivos: “I - Proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências” (BRASIL, 1996, Art. 78). E, de modo complementar: “II - Garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias” (id., 1996, Art. 78).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na educação escolar indígena, isto significa assegurar que competências específicas sejam desenvolvidas a partir da cultura tradicional de cada grupo étnico indígena brasileiro reconhecido no seu sistema educativo e, conseqüentemente, recomendações de ensino baseadas nos princípios da coletividade, reciprocidade, integridade, espiritualidade e outras qualidades indígenas. Numa perspectiva intercultural, isto significa também considerar o seu projeto educativo, a sua cosmologia, a sua lógica, os seus próprios valores e princípios pedagógicos (BRASIL, 2018).

Maher (2006) argumenta que nas comunidades indígenas, o ensino e a aprendizagem são atividades mistas incorporadas no trabalho cotidiano e no lazer, e não confinadas a um espaço em particular. Por conseguinte, a escola é todo o espaço físico da comunidade. Assim, para aprender e ensinar dentro de uma comunidade indígena, qualquer lugar é um lugar, qualquer tempo é um tempo, onde quer que haja um lugar, há sempre tempo para aprender e ensinar. Isto porque, segundo a autora, o processo de ensino e aprendizagem nas comunidades indígenas é baseado num empreendimento social.

3 – MATERIAIS E MÉTODOS:

A natureza da pesquisa classificou-se como uma pesquisa básica; quanto à abordagem do problema será através de uma pesquisa qualitativa de maneira descritiva e os procedimentos técnicos utilizados para a construção se deram através de uma pesquisa de cunho bibliográfico; visando em melhor compreender sobre a questão da ludicidade na concepção dos povos indígenas presentes nos brinquedos e brincadeiras durante o processo de ensino e aprendizagem das crianças nas comunidades indígenas brasileiras.

4 – RESULTADO E DISCUSSÃO:

A modalidade da Educação Escolar Indígena foi concebida para os povos originários de acordo com as características de cada povo. Por sua vez, este novo modelo de escola surgiu com base no paradigma do respeito pelo pluralismo cultural e da valorização das identidades étnicas (QUARESMA; FERREIRA, 2013).

Entende-se que na Educação Escolar Indígena os membros das comunidades preservam as suas experiências e ações, descobrindo a vida, adquirindo experiências, e criando um novo mundo. As experiências dos membros em comunidades indígenas adquirem experiências para viver em sociedades futuras durante toda a sua estadia nas comunidades. Se redirecionarmos o nosso olhar para a infância e para as crianças indígenas, percebemos que o ato de brincar presente nas comunidades indígenas funciona como uma forma fundamental para o seu desenvolvimento cultural e social (FAUSTINO; MOTA, 2016).

Deste modo, as crianças vivem num ambiente muito natural, próximo das suas tradições e costumes, rodeadas de animais e da beleza encontrada nas florestas;

caçam e trabalham com os mais velhos e aprendem a proteger-se dos animais sem os temer, participando na colheita do milho e da mandioca e na preparação da farinha de mandioca. Desde muito cedo, as meninas desempenham tarefas exclusivas, tais como: cuidar das crianças pequenas, alimentá-las e prestar os cuidados necessários. Também plantam, cuidam dos campos, colhem milho, feijão, arroz, fazem farinha e são também responsáveis pela fabricação de artefatos, utilizando materiais obtidos a partir da diversidade da fauna e da flora (SILVA et al., 2019).

A criança indígena, fazendo parte da cultura em que vive, desempenha o papel do adulto no seu mundo lúdico. A sua brincadeira torna-se uma preparação para os papéis que irá desempenhar na vida adulta. A criança brinca porque tem um papel, um lugar específico na sociedade, e não apenas porque o *faz de conta* faz parte da sua natureza. Na cultura indígena, desde muito cedo, as crianças aprendem com os seus pais várias atividades da sua vida cotidiana, onde começam a imitar estas atividades (COSTA, 2013).

Com base nisto, entende-se que as crianças nas comunidades indígenas, quando brincam individual ou coletivamente, enfrentam inúmeros desafios imaginários e simbólicos a tal ponto que, quando brincam, descobrem várias formas de enfrentar estes desafios com atitudes de superação que estão presentes nas suas próprias práticas decorrentes da ação de brincar. Assim, durante a fase infantil de um indivíduo em comunidades indígenas, o brincar permite o desenvolvimento integral da criança nas suas dimensões cognitivas e afetivas e a expansão do repertório motor (BARROS, 2010).

Portanto, podemos considerar que o ato de brincar praticado por crianças indígenas segundo Silva (et al., 2019) pode ser um importante aliado ao conteúdo curricular presente nas práticas pedagógicas da Educação Escolar Indígena. Embora muitos momentos praticados pelas crianças durante suas brincadeiras se tornem invisíveis, tendo em conta que o desenvolvimento é mediado por várias situações imaginárias através de instrumentos simbólicos, tais vivências estão cobertas de ações que as permeiam através de experiências acumuladas de aprendizagem no ambiente social em que estão inseridas, dentro ou fora das suas comunidades.

5 – CONCLUSÃO

Podemos observar como o Brasil é um país que tem uma enorme e rica diversidade social e cultural entre os seus habitantes; podemos então considerar o território brasileiro como um belo exemplo na questão da diversidade cultural, bem como da diversidade social. Portanto, falar sobre os povos indígenas significa também discutir a sua diversidade étnica entre as populações originárias. Sendo assim, cada grupo étnico indígena que vive no território brasileiro, por sua vez, tem um valor imensurável para a humanidade. Este valor é expresso através de diversas culturas, crenças, rituais, histórias, conhecimentos, e especialmente nos hábitos de brincar e de se divertir com outros membros da comunidade.

Ao considerarmos a ludicidade como uma atividade constante na vida cotidiana das crianças, através dos brinquedos e brincadeiras praticadas como um elemento significativo durante o processo de ensino e aprendizagem, podemos então enfatizar uma das características comuns apontadas na pesquisa sobre as comunidades indígenas brasileiras; notamos que ocorre na organização dessas comunidades a presença dos adultos (pais, mães, responsáveis e até mesmo dos mais velhos) e das crianças compartilhando as mesmas práticas diárias (pescar, caçar, pegar lenha, lavar roupas e talheres no rio, entre outras); ao acompanhar os mais velhos nos afazeres do dia a dia, observa-se que o objetivo principal da criança é obter uma aprendizagem sustentável através das imitações e observações dos mais velhos, refletindo isto nas brincadeiras típicas de cada grupo.

REFERÊNCIAS

BARROS, João Luiz da Costa. Vivências corporais através do brincar na educação física infantil. In: GRANDO, Beleni Saléte (Org.). *Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola*. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular – BNCC*. 2018.

BRASIL. Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília, DF: MEC, 1998.

COSTA, Edlamar Menezes da. *As práticas lúdicas na Comunidade Indígena Tabalascada em Roraima*. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4293/2/Dissertação%20-%20Edlamar%20Menezes%20da%20Costa.pdf>. Acesso em: 07 de ago. de 2021.

FAUSTINO, Rosângela Celia; MOTA, Lucio Tadeu. Crianças indígenas: o papel dos jogos, das brincadeiras e da imitação na aprendizagem e no desenvolvimento. *Acta Scientiarum. Education*. Maringá, v. 38, n. 4, p. 395-404, 2016. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/educacao_indigena/criancas_i ndigenas_jogos_brincadeiras_aprendizagem.pdf. Acesso em: 14 de set. de 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas*. 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-populacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *O Brasil indígena*. 2013. Disponível em: https://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder_indigenas_web.pdf. Acesso em: 06 de maio de 2021.

MAHER, Terezinha Machado. Formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). *Formação de professores indígenas: repensando trajetórias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. (Coleção Educação para Todos; 8). *E-book Kindle*

QUARESMA, Francinete de Jesus Pantoja. FERREIRA, Marília de Nazaré de Oliveira. Os Povos Indígenas e a Educação. *Revista Práticas de Linguagem*. v. 3, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.ufjf.br/praticasdelinguagem/files/2014/01/234-%E2%80%93246-Os-povos-ind%C3%ADgenas-e-a-educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 17 de set. de 2021.

SILVA, Tailde Correia da; PEREIRA, Denílson Diniz; FONSECA, Maykon Borges; PEREIRA, Rosa Denise Diniz. O brincar das crianças indígenas Jeripankó. In: VI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2019, Campina Grande. *Anais eletrônicos...* Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/61245>. Acesso em: 06 de out. de 2021.